

**Do altar ao fórum: a visão de mulheres separadas  
sobre os motivos da separação conjugal**

*From altar to the court: divorced women's view  
about the motives of matrimonial separation*

Joyce Cristina de Oliveira Rezende

Universidade de São Paulo

jocris@hotmail.com

Belinda Piltcher Haber Mandelbaum

Universidade de São Paulo

belmande@usp.br

---

**Resumo:** O objetivo da presente pesquisa foi oferecer respostas, sob a ótica de mulheres divorciadas ou que estão em processo de divórcio, à pergunta: quais motivos levaram à separação do casal? Para tanto, consideramos necessário saber também dos motivos que levaram ao casamento - em que circunstâncias se deu, quais foram seus frutos - e conhecer aspectos da história das entrevistadas. Estes dados foram colhidos por meio de entrevistas semi-estruturadas com quatro mulheres, gravadas com o consentimento das entrevistadas. Partimos da hipótese, baseada em literatura sobre o tema no campo da Psicanálise de Casal e Família, de que as motivações que levam as pessoas a se casarem e se divorciarem são, ao menos em parte, inconscientes. Por isto, é difícil apontar com clareza as causas de separação, mas identificamos, através das falas destas mulheres, dinâmicas no casal que parecem ter contribuído para o insucesso do matrimônio. Além das particularidades de cada história, todas as mulheres apresentaram-se como “batalhadoras”, “como as que fazem

tudo”, enquanto os homens foram criticados por elas como sendo mais preocupados consigo mesmo do que com a família. Pretendemos continuar a pesquisa entrevistando homens divorciados ou em processo de divórcio.

**Palavras-chave:** separação conjugal, mulheres, motivos.

---

**Abstract:** The purpose of this research was to offer answers to the question, from the viewpoint of women that are divorced or who are in process of divorce: which motives led to the couple’s matrimonial separation? For this it was necessary to know the motives for marriage - in which circumstances it happened, which were its consequences - and aspects of the divorced women’s histories. Data were gathered by semi-structured interviews with four women, which were recorded with the subjects’ consent. We started from the hypothesis, based on literature about Couple and Family Psychoanalysis, that motives that lead people to marry and to divorce are at least partly unconscious. Hence we cannot point out clearly the reasons for these women to divorce, but we identify in their speeches of this women, dynamics in the couples that certainly contributed to the matrimony’s failure. Besides the particularities of each history, all women introduced themselves as “fighters”, “hard-workers”, while men were presented with much criticism, more concerned about themselves than to the family. We intend to continue the research by interviewing men who are divorced or in process of divorce.

**Key-words:** divorce, women, motives.

---

## 1. Introdução

*Eu possa (me) dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure.*  
(Soneto da fidelidade – Vinícius de Moraes)

O número de divórcios e separações judiciais no país vem crescendo nos últimos anos. As estatísticas do Registro Civil de 2006 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam o crescimento de 1,4% de separações e de 7,7% de divórcios em relação a 2005<sup>1</sup>. No período compreendido entre 1984 e 2007, houve um aumento de 200% na taxa geral de divórcios. Nota-se, então, uma mudança gradual no comportamento da sociedade brasileira, que passou a aceitar o divórcio com maior naturalidade e acessar a Justiça para formalizar a desunião. Para cada quatro casamentos, há uma dissolução. É evidente que o que estamos chamando de “maior naturalidade” é produto de um processo histórico-cultural que resultou em transformações sociais profundas ao longo do século XX. Como parte deste processo, podemos salientar a emancipação da mulher em vários campos, sua inserção no mercado de trabalho – especialmente relevante para as mulheres de classe média, já que as mulheres pobres sempre trabalharam -, a maior igualdade entre os sexos e a revolução sexual – da qual fez parte uma reconsideração, em grande parte da sociedade ocidental, da importância do casamento e da família.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Há pouco tempo, a separação judicial no Brasil podia ser requerida logo após a separação de fato, e não dissolvia o vínculo conjugal. Ou seja, as partes estavam separadas, mas ainda não podiam se casar novamente. Essa possibilidade advém com o divórcio, que podia ser requerido dois anos após a separação de fato ou um ano após a separação judicial (Artigo 1580 e parágrafos do Código Civil e artigo 226 da Constituição Federal). Em 2010, foi aprovada Emenda Constitucional com o fim de instituir o divórcio direto no Brasil, abolindo o instituto da separação. Apesar desta ter sido a intenção do legislador, esse assunto ainda está sendo bastante discutido no meio jurídico.

<sup>2</sup> Para uma discussão mais profunda sobre as transformações do casamento e da família na sociedade ocidental ao longo do séc. XX, ver E. Roudinesco, *A família em desordem*. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.

De acordo com Neri (2005), as mulheres possuem maiores taxas de descasamentos e reconstituem menos outros casamentos. Elas também atingem maiores taxas de solidão<sup>3</sup> em idades mais avançadas, enquanto os homens são mais sozinhos na juventude, sendo bastante comum a união de homens mais velhos com mulheres mais novas. Ainda de acordo com este autor, as mulheres com melhor situação econômica, maior nível de escolaridade e melhores salários são mais solitárias.

Carneiro (2003) entrevistou 16 homens e 16 mulheres cariocas, de classe média, com o intuito de verificar como o processo de separação é vivenciado. O desejo de separação aparece como um anseio predominantemente feminino e, portanto, também a decisão de dar fim à união conjugal. A mulher vê o casamento como uma “relação amorosa” e o homem como “constituição de família”. Para a mulher, se a vida conjugal não vai bem, a separação parece inevitável. Ainda segundo o autor, o homem separa mais o sexo da afetividade familiar, de modo que consegue permanecer casado mesmo insatisfeito com a relação amorosa.

Brentano, em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, ao ser perguntada por que as pessoas se divorciam, deu a seguinte resposta:

“Se você interpretar os números, um dos principais motivos apontados pelas pessoas que se divorciam é a idade com a qual se casaram. Quanto mais novo você se casa, pelo menos nos EUA, mais probabilidade há em terminar divorciado. Creio que é porque você sabe menos da vida, menos sobre o que é importante para você, quais são seus valores, como você será em dez anos. As pessoas mudam e, muitas vezes, em direções diferentes. Outro motivo é a origem. Não estou julgando, mas falando aqui de tendências de grandes grupos. Quem se casa com pessoas da mesma origem social, religiosa, étnica e de educação tem índice maior de sucesso. Geralmente, quanto maiores as diferenças, menores as chances de os casamentos durarem. Outro grande fator: valores diferentes. A frase popular de que opostos se atraem pode ser verdade no início, mas as diferenças que a princípio pareciam interessantes se tornam ameaçadoras quando você tem de viver com elas o tempo todo. Outro ainda é econômico. Quanto menos dinheiro tem o casal, maior o índice de estresse, de brigas, portanto de instabilidade. É o fim de outro mito, "nós não precisamos de nada, só de um ao outro". Isso é apenas um ditado popular. Ser

---

<sup>3</sup> De acordo com o autor, a solidão feminina inclui as solteiras, as descasadas e as viúvas (2005, p. 68).

pobre é geralmente estressante e não é bom para o casamento. Por fim, as escolhas. Muitas pessoas parecem se deixar levar ao casamento sem pensar muito. Pensam mais antes de comprar um carro ou eletrodoméstico do que antes de casar. Parece que "escorregam" para o casamento. Se as pessoas tomassem decisões mais conscientes antes de casar, prezariam mais o casamento e encarariam o divórcio como a última opção. É o que vi em anos de pesquisa” (edição de 24 de julho de 2007, Especial: 30 anos da lei do divórcio).

No Brasil, as causas apontadas não parecem ser muito diferentes. Moraes (1989) fez um estudo com diversos casais, que apontaram as seguintes causas (em ordem de importância): 1) incompatibilidade de gênios; 2) dificuldades de comunicação; 3) dificuldades de relacionamento sexual; 4) problemas financeiros; 5) interferência familiar; 6) infidelidade; 7) vícios; 8) desemprego.

Porreca (2004) estudou casais católicos em segunda união. Sua pesquisa, diversamente da de Moraes, é qualitativa, contudo os mesmos motivos para separação foram apontados. Os principais foram o alcoolismo, a infidelidade conjugal e o desgaste da dimensão amorosa. No caso dos casais por ele entrevistados, o modelo é o da união eterna, mas estes já não acreditam mais na sua indissolubilidade. Para este autor, as mudanças nas concepções de casamento e família ocorridas no último século não acarretaram uma desvalorização da família, mas sim sua ressignificação. “A forma da união muda, mas as pessoas não deixam de viver juntas, o que mostra a importância da vida a dois e da constituição da família” (Porreca, 2004, p. 25). No mesmo sentido, afirma Carneiro (1998, p. 6): “todavia, na sociedade contemporânea os indivíduos se divorciam não porque o casamento não é importante, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas”.

Com certeza, é difícil indicar numa pesquisa as reais causas para uma separação, considerando que essas são, muitas vezes, inconscientes, principalmente se tomarmos como teoria de referência para compreender este fenômeno a Psicanálise, em especial os

trabalhos psicanalíticos desenvolvidos com casais e famílias (Puget e Berenstein, 1993; Pincus e Dare, 1981), tal como o são parte dos fatores que levam ao casamento. É preciso ainda deixar clara a diferença entre causas e motivos: ao falar de causas, estamos num registro de explicações que estabelece relações deterministas entre fatores causais e seus efeitos. Em nossa pesquisa, buscamos detectar motivos, ou seja, os sentidos que as mulheres entrevistadas atribuem à sua separação, bem como ao desenrolar dos acontecimentos na relação conjugal. Causas são explicações do fenômeno, motivos são interpretações que os sujeitos fazem sobre ele. Só temos acesso a esses motivos através do discurso dos entrevistados, tendo sido a nossa intenção ouvir sobre esses motivos a partir da ótica das mulheres entrevistadas. Os estudos na área da Psicanálise do Casal (Puget e Berenstein, 1993) mostram que os motivos para o casamento estão essencialmente ligados aos da separação, assim como às expectativas criadas e frustradas durante o período conjugal. As pessoas costumam casar levando consigo pressupostos sobre o cônjuge que se baseiam em suas próprias expectativas e necessidades internas e, se há engano, ele “não é visto como próprio, mas sim é o outro quem engana, não sendo quem se supunha que fosse” (Prado, 1996).

Há muito na literatura (Bucher, 1996; Carneiro, 2003; Farkas, 2003; Moraes, 1989; Prado, 1996) sobre o que leva ao casamento e à separação, e como se dá todo esse processo. Bucher (1996), por exemplo, nos fala sobre isto:

“Outra questão que nos surge, então, é: como ocorre o processo de separação conjugal? Inicialmente, podemos afirmar que, com a união conjugal, inicia-se o ciclo vital do casamento. Muitas são as expectativas dos cônjuges um em relação ao outro, bem como quanto à vida a dois. Como nem sempre as expectativas são realistas, crises e conflitos vão surgir, decorrentes, muitas das vezes, das frustrações e insatisfações das suas expectativas mútuas. O vínculo conjugal fica abalado, ou porque não se tornou suficientemente estruturado, ou porque foi sendo corroído ao longo do tempo, no qual os desgastes foram aumentando sem nenhum cuidado ou atenção para preservá-lo. Todavia, não podemos deixar de observar que é no interior da união conjugal que são encontradas

as soluções para os conflitos e problemas que surgem. Porém, quando a exacerbação das frustrações se torna demasiada, gradativamente poderá levar à quebra de laços emocionais, incidindo claramente nas áreas da afetividade, da sexualidade e do crescimento interacional, levando à ruptura dos vínculos mais profundos” (p. 62).

O sentimento de perda, de qualquer forma, parece ser inevitável. O traço comum a todas as separações é a necessidade de elaboração do luto (Farkas, 2003). De acordo com Caruso (1989), a separação é uma das experiências mais dolorosas pelas quais o ser humano pode passar, sendo essa vivência singular a cada pessoa. A separação amorosa significa a presença da morte em vida: “o outro não morre em vida, mas morre dentro de mim... e eu também morro na consciência do outro” (p. 20). Trata-se de um processo doloroso, e o seu estudo nos parece relevante para toda a sociedade. Estudos que busquem identificar os fatores que levam à separação e escutar as pessoas implicadas podem auxiliar o profissional, quer seja o psicólogo, o advogado, o juiz, entre muitos outros, a ajudar a família que se desfaz. É no campo destes estudos que se pretende inserir nossa pesquisa, através da qual buscamos ouvir mulheres residentes na cidade de São Paulo que buscaram auxílio jurídico junto ao Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, sobre os motivos de sua separação. Nossa intenção aqui é trazer para este campo de estudos e pesquisas o registro da voz destas mulheres, e ver de que forma suas falas podem articular-se com o que os autores citados apresentam, seja confirmando os motivos apontados por eles ou trazendo elementos que nos permitiriam novas significações em torno dos motivos da separação.

## 2. Objetivos

O que se constitui como um vínculo interpessoal chega, um dia, ao Judiciário. O Departamento Jurídico XI de Agosto, entidade ligada ao Centro Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, presta serviços de assistência judiciária à população de baixa renda desde 1919. Seus estagiários e advogados acompanham cerca de 4.000 processos judiciais por mês, cuja maioria se concentra na área de Direito de Família, ou seja, alimentos, guarda de filhos, visitas, separação, divórcio, entre outros. Em praticamente todas estas ações, há um casal que se separou.

O que leva pessoas que se amaram, compartilharam parte de suas vidas, seus sonhos, muitas vezes tiveram filhos, a se separarem<sup>4</sup>, do ponto de vista delas mesmas? No cotidiano forense, não se costuma discutir as causas da separação, visto que a maioria é consensual; entretanto, o contato com estas pessoas mesmo em processos jurídicos mostra que, até chegarem ao fórum, esse casal brigou, discutiu, lamentou, chorou e tentou se reconciliar por diversas vezes, até decidir encerrar sua vida em comum. Esses aspectos raramente discutidos com o advogado, chamaram a nossa atenção para as complexas e intensas questões psicológicas envolvidas: Por que não deu certo? Falta de amor? Traição? Alcoolismo? – como sugere a literatura da área – ou que outros determinantes poderíamos encontrar, ouvindo mulheres separadas ou em processo de separação?

Assim se constituiu o objetivo da presente pesquisa - responder (ou oferecer respostas) à pergunta: Quais motivos, do ponto de vista das mulheres separadas ou que estão em fase de separação, levaram à dissolução da união conjugal? Para isso, mostrou-se necessário saber também dos motivos que, segundo elas, levaram ao casamento, em que

---

<sup>4</sup> Usaremos o termo “separação” em seu sentido lato, ou seja, desconsiderando as diferenças que existem no meio jurídico entre separação e divórcio.



circunstâncias este se deu, quais foram seus frutos, bem como conhecer a história das entrevistadas. Não se pretendeu aqui, como explicitamos acima, apontar as causas que levaram à separação conjugal, mas, a partir das falas de mulheres separadas ou em processo de separação, refletir tanto sobre os seus motivos de separação quanto sobre a vinculação destes motivos à história de seu casamento, incluindo, como veremos nas entrevistas, as expectativas criadas e frustradas durante o período conjugal. .

### **3. Método**

O método utilizado em nossa pesquisa foi o de entrevista semi-estruturada (González Rey, 2011). Segundo este autor:

“Nesse contexto de pesquisa, a entrevista não é um instrumento mais organizado em forma de perguntas padronizadas, pois o diálogo permanente que a pesquisa envolve integra os interesses concretos do pesquisador, os quais aparecem como momentos de sentido no curso do diálogo, e não como um momento frio e parcial, organizado em forma de perguntas a serem respondidas de forma direta pelos sujeitos estudados. Como em todo diálogo, o diálogo constituído no cenário da pesquisa científica se expande em seus conteúdos de forma espontânea, alcançando áreas de interesse do pesquisador, sobre as quais este não tinha nenhuma ideia no começo da pesquisa” (González Rey, 2011, p. 86)

Escolhemos este método porque ele nos permitiria, por um lado, criar um roteiro de perguntas que garantisse o aprofundamento dos temas em foco, abarcando assim, na medida do possível, os diversos aspectos envolvidos. Por outro lado, a entrevista semi-estruturada é aberta o suficiente para que pudéssemos aprofundar as respostas dadas pelas entrevistadas a partir de uma escuta que as levasse em consideração para, a partir do que fosse dito, formular as perguntas seguintes. É um método que julgamos contemplar os aspectos que queríamos pesquisar e, ao mesmo tempo, a especificidade do encontro entre nós, pesquisadoras, e as mulheres entrevistadas.

Contamos com a participação de quatro mulheres assistidas pelo Departamento Jurídico XI de Agosto, que receberam nomes fictícios: Diana, Norma, Joana e Camila. Não houve seleção prévia das entrevistadas, uma vez que essa pesquisa pretendeu ser uma primeira aproximação ao tema e um exercício de análise de visões de mulheres em processo de separação, independentemente das possíveis diferenças entre os casais (como o tempo de casamento, número de filhos etc). Três são mulheres de meia idade, somente Camila está na casa dos 20 anos.

### **3. 1. Coleta de dados**

As entrevistas foram gravadas com o consentimento das entrevistadas, às quais foi entregue o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (ver anexo). Ao mesmo tempo, a entrevistadora fez anotações pessoais sobre suas impressões e reações das entrevistadas, baseada no método utilizado por Porreca (2004), uma vez que tais aspectos não são captados por um gravador de voz. As gravações foram transcritas e analisadas.

Um roteiro inicial para a entrevista contemplou as seguintes questões: Quais motivos levaram à separação do casal? Essa decisão foi tomada pelos dois, ou por um só? Vocês tiveram filhos? O que levou você a se casar? Pense na hipótese de voltar no tempo, você realizaria alguma modificação na vida conjugal? As perguntas foram baseadas na pesquisa de Porreca (2004), e destacamos estas porque são perguntas bastante abrangentes, que julgamos que permitiriam o aprofundamento na história dessas mulheres.

Com exceção de Diana, todas as mulheres foram entrevistadas no dia em que procuraram a assistência jurídica do Departamento Jurídico, no próprio local. A entrevista com Diana ocorreu na casa de uma das pesquisadoras, uma vez que elas se conheceram

previamente em uma audiência, sendo Diana também assistida pelo mesmo Departamento.

#### **4. Resultados: análise das entrevistas**

##### **4. 1. Diana**

Diana chegou ao Departamento Jurídico em busca de pensão alimentícia para seus filhos. Ela trabalha como recepcionista em uma escola particular, possui ensino médio completo e parece ter um padrão sócio-econômico de classe média. Casou-se com João em 1993, depois de quatro anos de namoro e noivado, e tiveram dois filhos, hoje adolescentes. Viveram cerca de 13 anos juntos, estando separados há três. João vinha de um casamento anterior, já tinha um filho, e como não conseguira o divórcio, eles acabaram recebendo somente a bênção numa igreja evangélica, embora nenhum dos dois seguisse a religião.

Como João era um homem separado, eles sofreram preconceitos por parte da família de Diana, mas nada que impedisse o convívio dele com a família dela. O que gerou alguns problemas foram os resquícios deixados pelo primeiro casamento de João. Nas palavras dela:

“Mas eu vou falar bem popularmente, eu pastei. Porque ele já tinha tido um casamento, tinha o filho, então tinha que buscá-lo aos sábados, tinha dias que ele ia buscar o filho e ela não deixava ele pegar, ele chamava a polícia, eles iam para a delegacia e eu me envolvia muito, sofria junto, o que não deveria acontecer, mas eu me envolvo, eu sofria muito com essa situação, pastei muito. E eu tinha até ciúmes, né?!”

Durante toda a entrevista, Diana se apresentou como uma mulher “pau pra toda obra”, e o apresentou como um homem fraco, que estava por baixo e que a colocava para baixo junto com ele. Para ilustrar o que foi o seu casamento, ela usa a seguinte metáfora:

“Como eu me sentia no casamento? Dentro de um poço, nós dois dentro de um poço, eu mais na borda, mais perto da saída, e ele mais para baixo. Ao invés de ele me empurrar, e eu sair desse poço para tirá-lo, ele me puxava, e eu queria sair, ele me puxava...e nós dois nunca saíamos desse poço, não tinha um progresso”.

Talvez devamos perguntar-nos por que ela continuava no fundo do poço: será que ela precisava de alguém que estivesse mais embaixo para se sentir por cima? Seria a necessidade dela ter um homem assim para se sentir viva? Ela fazia tudo, comprava os presentes para a família dele, brigava por causa dele. Segundo ela, ele se acomodou, ele só usufruía e ela entrava com o sacrifício. E isso parece fazer com que ela se ache superior a ele e ele sente isso, acusando-a de estar “se achando”. Isso gera um ressentimento mútuo. Mas ela não assume essa superioridade. Ao invés, ela projeta suas impressões nos outros, que dizem que ela deveria ter se casado com “um homem médico, doutor, um homem famoso”, o que ela acha um absurdo. Valemo-nos aqui do conceito de identificação projetiva, tal como explicado por Mandelbaum (2008):

“Ao processo pelo qual colocamos no outro os nossos próprios afetos, pensamentos, modos de ser, e o vemos a partir de elementos que nele introduzimos, fundidos em suas características próprias, Melanie Klein chamou de identificação projetiva. Projetamos partes nossas no outro, que fica identificado com essas partes” (p. 68).

Para Klein (1946), a projeção ocorre em todos os tipos de relacionamentos, sendo mais poderosa naqueles que envolvem fortes laços emocionais, como o casamento. Diana, a nosso ver, projetava seus aspectos mais fracos no marido e assim não entrava em contato com seus temores, de forma que ele era o fraco da relação. Ao colocar para fora esses aspectos menos desejáveis do seu *self*, ela parecia se sentir maior, poderosa, a “super mulher”. Essa dinâmica parece ter causado um forte ressentimento em João, que devia se sentir diminuído ao ver aquela super mulher ao seu lado. Sobre isto, esclarecem Pincus e Dare (1981):

“Este mecanismo de projeção através do qual sentimentos e ideias internas são atribuídos a pessoas e objetos externos, é também parte normal de todo relacionamento. Não sabemos como as pessoas conseguem colocar seus sentimentos fora de seu próprio sistema psicológico (os quais podem ser adequados ou inadequados, de acordo com a situação em que se encontram), projetando-os numa outra pessoa. Sabemos, contudo, através da observação direta, que as pessoas podem proceder assim, e mesmo sem perceber agem desta forma, quando os sentimentos são por demais dolorosos ou com uma carga demasiado elevada para continuarem retidos em suas próprias mentes” (p. 36).

O tipo de configuração deste casal já parece ser o de uma separação (psíquica), e a separação de fato só vem confirmar isso. Ela conta que a relação foi permeada por brigas desde o namoro. Durante o casamento, as brigas eram tantas que os próprios filhos falaram para a mãe se separar, eles não agüentavam mais. Numa situação como essa, a separação parece ser a única saída saudável:

“(…) durante o namoro, eu já poderia ter acabado, por causa das brigas que nós tivemos, e eu tentei mesmo... Mas não sei porque, a gente brigava, brigava feio e eu dizia “graças a Deus, acabou”, daí no dia seguinte ele ligava, com aquela voz brava, e eu gostava de ele estar me ligando e aí eu me abria toda, e voltava tudo de novo...”

Outro ponto que nos chama a atenção é a noção que ela tem de casamento, idealizada e quase fusional. Como se o casal nem precisasse de palavras para se comunicar, como se os dois formassem um só. Ela usa termos como “cara metade”, “tampa da panela”, tão comuns no imaginário popular. Diana, apesar de parecer pensar bastante de forma abstrata e de se expressar muito bem, tem algumas ideias preconcebidas e fica refém delas. Como a questão da felicidade. Ela acredita que as pessoas devem ser felizes com o que têm, então ela devia se sentir feliz com o seu casamento, mesmo que dentro de um poço. Ela só percebeu que não era feliz quando conheceu outro homem, o “homem ideal”:

“Mas daí eu conheci uma pessoa mais velha, um homem que, como eu posso dizer... não se aproveitou da situação, nós nos conhecemos, nos tornamos amigos e, por ele ser mais velho, aquele jeitinho, ele sempre me ouvia, aquilo que eu precisava do meu marido, ele me ouvia, estava sempre lá pronto para me ajudar, para o que desse e viesse, e então eu fui vendo o quanto o meu marido não prestava para mim, o quanto eu era infeliz”.

Ela afirma não ter tido nenhum tipo de relacionamento físico com esse homem. Ele também era casado, tinha filhos. Depois da separação, ela conheceu outros homens, “trocou uns beijos”, até que encontrou o homem da vida dela, a “tampa da panela”, “a cara metade”, seu atual namorado.

#### **4. 2. Norma**

Norma apareceu no Departamento Jurídico para resolver problemas com um banco, estava procurando um advogado para defendê-la. Ela já havia conversado com a assistente social e esta, sabendo do nosso interesse em fazer entrevistas com mulheres separadas, apresentou-nos. Norma aceitou participar da entrevista, até o momento em que fosse chamada para conversar com um estagiário sobre o problema que a levou ao Departamento Jurídico.

Ela é uma mulher de meia idade e boa aparência, que diz possuir uma enorme vontade de melhorar e progredir na vida. É vendedora, segunda ela, por falta de opção. Conseguiu, ao custo de muito trabalho, comprar uma casa e abrigar nela toda a sua família e a do marido. Marido de quem ela não citou o nome. Casou com uma pessoa, segundo ela mesma, totalmente o oposto dela, tanto geograficamente, “ela é do sul e ele do norte”, quanto culturalmente. Esse fato pesou muito na convivência do casal:

“Aliás, ele tem uma cultura completamente diferente...eu sou do sul, nasci no Rio Grande do Sul, ele é de Natal, no Rio Grande do Norte, então muitas coisas que para mim são vistas como inaceitáveis, para eles é dito como normal, coisas que eu morro de vergonha, não aceito...o pessoal do sul é mais severo, você não pode dever para ninguém...a pessoa tem a vida difícil, trabalha, quer conquistar os seus objetivos, sabe que a vida é dura, que você não vai conseguir nada sem trabalhar, você quer ter a sua casa..tudo o que você vai fazer, você se propõe a fazer da melhor forma possível, você não aceita de qualquer jeito...daí em me deparei com uma pessoa totalmente o oposto de mim”.

Ela se apresenta como uma mulher muito trabalhadora. É vendedora e costumava trabalhar o dia inteiro e mais um pouco, chegava a casa às três da manhã e às oito já estava saindo para outro dia de trabalho. Ele, pelo contrário, de acordo com ela, trabalhava as horas exigidas e ia para o bar beber.

A bebida denota mais ainda os aspectos dependentes do marido de Norma. Acerca do assunto, Mandelbaum (2008) diz o seguinte:

“Poderíamos compreender como uma dimensão mítica da dinâmica familiar o que frequentemente observamos em famílias nas quais o pai é alcoolista. Este fato coloca-o, no mais das vezes, como forte candidato a ser o depositário das mazelas familiares e como alguém continuamente necessitado do cuidado dos outros familiares. Identificado como bêbado, ele permite, no entanto, que os demais se vejam como sãos. Como fraco, permite ao grupo ver-se como forte, ainda que tendo que lidar com a angústia e os transtornos advindos dessa situação. Os ambulatórios de psiquiatria recebem com frequência casais nos quais, a um marido alcoolista, fraco e inadequado, corresponde uma mulher forte, batalhadora, que toma para si todos os cuidados da casa. À primeira vista podemos nos perguntar sobre o que faz uma mulher tão capaz e independente com um homem tão fraco e dependente dela. Mas um exame mais detido permite ver que essa dinâmica atende necessidades psíquicas de ambos, sendo um dos dois, o marido, objeto da tolerância e do cuidado e o outro, a esposa, fortalecida narcisicamente em seu lugar de tolerante e cuidadora. Esse é um elemento importante de ligação do casal, mantenedor de certo equilíbrio psíquico que se dá apesar do sofrimento implicado” (p. 43-44).

Norma trabalhava o dia inteiro, buscava seus sonhos, enquanto seu marido só queria saber do bar, de acordo com as suas palavras. Mas apesar de mulher forte e batalhadora, não tomava para si todos os cuidados da casa. Esse papel cabia à sua sogra. Enquanto Norma trabalhava, a sogra criou seu filho, cuidou da casa e dominou o ambiente doméstico. Seu marido, pelo que ela apresenta, sequer conseguiu separar-se da mãe. Na visão de Norma, os sonhos eram só dela, eles sempre estiveram tão separados que sequer compartilhavam os sonhos. Ela queria uma bela casa, conseguiu. Ela se esforçou sozinha, e ele no bar:

“(...) até 2002 posso dizer que nós estávamos juntos, mas eu tive um relacionamento com outra pessoa<sup>5</sup> e tive outro filho... então, eu não queria ter mais filhos com ele, a gente vai criando uma repulsa, você não quer mais a pessoa, você vai fugindo da pessoa... você se mergulha de trabalho, a outra pessoa, sem sensibilidade nenhuma, ninguém sabe o que se passa na mente humana... você ta mostrando para a pessoa... em vez da pessoa tomar aquilo e fazer alguma coisa para mudar, você começa a perceber que a pessoa está acomodada com a situação, a pessoa só pensa que tem uma casa bonita, uma esposa bonita para mostrar para os outros... as pessoas olhavam “nossa, você é a esposa dele?”, porque ele é mais velho do que eu... sabe aquela pessoa que come demais, bebe demais...a pessoa totalmente inerte... eu tenho meus objetivos, sou agitada, tenho sensibilidade, acho que o que move um relacionamento... se você olhar para ele, ele é uma pessoa muito gorda, com cabelo branco, já acha que ta velho, tem 50, não tem vontade de fazer nada, quando era novo também não fez... eu não sou assim, eu não acho que to velha, tenho 44... ele já se contentou no emprego dele, ele é garçom... eu não, to aí, não to trabalhando agora mas daqui a alguns dias já vou estar...”

Mais uma vez aparece a “super mulher” ao lado de um homem “fraco”. E todo mundo se pergunta: o que ela está fazendo com ele? Será que a “super mulher” tem necessidade do “sub homem” para se sentir super, então acaba procurando um homem muito aquém dela? Tal como no caso de Diana, aqui também aparece um terceiro, o terceiro idealizado. Norma conheceu esse outro homem, seis anos mais novo, apaixonou-se e teve um filho com ele. Na visão dela, não houve traição, como ela disse para o ex-marido:

“Eu tenho outra pessoa, eu não traí você, só você que não percebeu que há mais de cinco anos que ninguém ta casado, que a gente ta brincando de casado, só você que não se assume para nada na vida”.

A nova relação também terminou em separação. De qualquer forma, ela queria ter mais um filho e conseguiu. Filho que não desejava ter com o ex-marido. Hoje, ela mora com os dois filhos. O mais velho, segundo ela, não lhe dá valor, “porque eu não fumo... então pra ele eu sou chata, sou careta”. Apesar de morar com ela, ele apóia o pai, pois enquanto Norma trabalhava, ele recebeu mais atenção do pai e da família dele. Do mais novo, ela quase não fala.

---

<sup>5</sup> Neste caso, foi muito difícil precisar as datas, se ela começou o outro relacionamento antes ou depois de 2002. Ela diz que eles ficaram juntos até 2002, tendo a separação judicial ocorrido em 2003. No entanto, um pouco mais adiante, ela conta que disse para o ex-marido que “há mais de cinco anos que ninguém ta casado”.



### 4. 3. Joana

Joana procurou a ajuda do Departamento Jurídico porque havia acabado de ser citada para contestar a ação de separação litigiosa proposta por seu ex-marido, Oswaldo. Ela estava muito abalada com a citação, nervosa, e disse que seria bom conversar. Diversas vezes ela chorou durante a entrevista, um choro doído, sentido, carregado de sofrimento. É uma mulher muito religiosa, evangélica, confiante em Deus. E com isso parece ser, de certo modo, um pouco conformada. Há sofrimento, mas não revolta em sua voz.

Ficou casada com Oswaldo durante nove anos e não tiveram filhos. Ela já tinha dois filhos de uma união anterior e ele quatro filhos, dos quais encontraram muita oposição. Quando Joana conheceu Oswaldo, ele estava viúvo há um ano. A sua esposa faleceu de repente, e essa morte nunca foi aceita por toda a família, pai e filhos. Os filhos eram pequenos, “ainda precisavam muito de uma mãe”, de modo que Joana passou a ser uma substituta da mãe morta, o que é confirmado pelo o que Oswaldo dizia a ela: “para mim casar com você foi conveniente, foi bom, você cuidou dos meus filhos e apesar de todas as confusões, eu podia trabalhar sossegado”. Só que a substituta nunca esteve à altura da substituída, e nunca estaria. Joana sempre foi uma substituta degradada. Era preciso que ela fosse denegrada para manter a defunta idealizada.

No entanto, Joana entregou-se totalmente a esse casamento, e como o marido não queria que ela trabalhasse, ela parou. Ela tinha vontade de estudar, ele não deixou. Joana submeteu-se a todas as exigências dele. O discurso dela parece sugerir que ele queria uma empregada e conseguiu. Ele conseguiu uma pessoa para acabar de criar os filhos dele e, quando eles já estavam crescidos, ela diz que ele a expulsou de casa.

“Nós casamos, tivemos vários problemas com os nossos filhos, porque nem os meus filhos aceitavam a situação que ele tratava a gente e nem eu... e outra coisa, as filhas dele também não me aceitavam, e isso começou a gerar brigas... ele nunca me defendia, não me deixava trabalhar fora, ele não deixava eu estudar... há dois anos atrás eu prestei vestibular, passei pra fazer faculdade, ele tendo condições, ele não quis deixar eu fazer a faculdade, eu to fazendo faculdade agora porque to há um ano e meio separada, então eu meti as caras, fui, prestei vestibular, passei... mas enquanto eu tava com ele, não adiantava, eu não podia, ele não deixava eu fazer a faculdade...aí eu não pude trabalhar, não pude fazer faculdade e fui ficando muito bitolada, só serviço de casa e pegar os filhos dele e levar para cabeleireiro, pra comprar uma roupa, fazer unha, shopping, curso de inglês, dentista...a minha vida era em função da vida dele e dos filhos dele, só que ele nunca me retornou isso, nunca agradeceu...”.

Ela se sujeita a tudo, é submissa, parece sentir prazer na dor, no sofrimento. Tanto que ela mesma nos fala o quanto sente falta de fazer as coisas para aquelas pessoas:

“(...) chega assim, seis horas da tarde, eu corro para a minha igreja, porque eu começo a chorar, chorar, chorar...era a hora que eu fazia a janta fresquinha para eles, eu fazia almoço...eu nunca mais fiz almoço..tem um ano e meio que eu não sei mais o que é almoçar...só quando eu chego na casa de alguém e lá tem almoço pronto...nunca mais fiz almoço na minha casa, nunca mais, não consigo...janta, nunca mais fiz...eu emagreci 10 quilos depois que saí de lá, porque eu faço uma sopa e tomo sopa à noite...eu não consigo fazer janta, não consigo fazer uma sobremesa, tudo lembra ele, tudo o que eles gostavam de comer, nunca mais comprei, eu não consigo comer mais as coisas que a gente comia lá na casa...”.

Freud, em seu texto “O problema econômico do masoquismo” (1924), diz que, aparentemente, o masoquismo é incompreensível, pois somos governados pelo princípio do prazer. Todavia, o masoquista, a todo momento, sente necessidade de ser punido. Nele, o superego é terrivelmente severo, duro e cruel. Joana parece ter transferido toda a orientação do mundo para Deus - quando o marido a expulsou de casa, ela foi à igreja conversar com Deus para saber se podia ir embora. Oswaldo é bem mais velho que ela, puniu-a durante toda a vida conjugal e ainda a pune. Ele ainda a ajuda financeiramente “com o que ele quer, quanto ele quer e com agressões”. Ele chegou a agredi-la fisicamente por quatro vezes, mas ela nunca fez queixa na polícia. E ela ainda ama esse homem, mas Deus está o “limpando”-o do seu coração. Se ele quisesse, ela voltaria correndo.

Outro fator que pode ter contribuído para a sua submissão é a sua forte religiosidade. Joana é fiel de uma igreja evangélica, e costuma seguir rigorosamente o que é ditado pela sua igreja e religião. De acordo com o livro do *Gênesis*, Deus disse que não era bom para o homem ficar sozinho, que lhe faria uma ajuda adequada, criou os outros seres vivos e da costela de Adão criou a mulher, Eva. Ou seja, de acordo com essa visão, a mulher foi criada para auxiliar o homem. Apesar de toda a revolução feminista ocorrida a partir de meados do século XX, esta visão ainda predomina entre os crentes. Joana também parou de trabalhar quando se casou pela primeira vez, mas como esta união durou pouco, conseguiu se recolocar no mercado de trabalho. Sobre a mulher protestante brasileira, Magalhães Filho (s. d.) nos diz:

“Desta prática religiosa, se constrói o modelo de mulher protestante brasileira. Mãe, doméstica, submissa e educadora religiosa. É um modelo muito comum numa igreja protestante de classe média. Que com o crescimento e estabelecimento de uma cultura dita evangélica, as comunidades que se estabeleceram na periferia das grandes cidades e no interior do Brasil, mantiveram este modelo, mesmo sendo a mulher, obrigada por circunstâncias econômico-sociais a romper com ele. Hoje em algumas comunidades encontram-se mulheres líderes de igrejas, associadas a sindicatos, associações de bairro etc. Mas no imaginário protestante brasileiro, o ideal de mulher crente ainda é o de mãe e esposa submissa” (p 4).

Joana nos lembra outra mulher do imaginário popular brasileiro, que virou letra de samba, na composição de Ataulpho Alves e Mário Lago: “Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia é que era mulher de verdade”.

#### **4. 4. Camila**

Camila compareceu ao Departamento Jurídico porque seu ex-companheiro, Eduardo, havia entrado com um pedido de regulamentação de visitas para poder ver suas duas filhas, ainda que Camila afirme que jamais o tenha impedido de vê-las. Contudo, ele

deseja que elas possam dormir em sua casa, onde mora com sua nova companheira, Carolina.

Camila e Eduardo não chegaram a casar-se oficialmente, mas viveram juntos cerca de três anos. Da união nasceram duas meninas, ainda muito pequenas, e daí a oposição da mãe a que elas pernoitem na casa do pai. Camila é uma mulher bonita, embora esteja um pouco mal cuidada. É jovem, tem cerca de 25 anos de idade.

Ela saiu de casa aos 18 anos, porque teve “aquela loucura de querer viver a liberdade” e foi morar na casa da família de Eduardo, já que era amiga da irmã dele. Conheceu-o, começaram a relacionar-se, e ela ficou grávida da primeira filha. Quando esta tinha um ano de idade, engravidou da segunda. Passou a dedicar-se integralmente às filhas e a casa, perdeu toda a sua vaidade. Como ela mesma nos conta:

“A gente não tava tão bem, a culpa era minha, depois que eu casei eu relaxei muito, virei aquelas donas de casa, não queria mais sair, do jeito que eu acordava eu ficava o dia inteiro, eu era muito mãe... eu era muito relaxada...”

Segundo ela, a chegada das filhas interferiu na relação do casal, ela deixou de ser mulher, e ele não soube suportar isso, não aguentou dividi-la com as crianças. Eduardo não conseguiu entender a situação dela como mãe, com duas filhas pequenas que exigiam muita atenção. Quando a segunda filha estava com seis meses de idade, ele abandonou a família e foi viver com outra mulher. Ele nem se despediu, ela havia saído para uma entrevista de emprego e quando voltou ele não estava mais lá. Sobre a questão da chegada de filhos na família, Waddel (1994) afirma o seguinte:

“A mudança de casal para família tem probabilidades de trazer para o jogo aspectos do relacionamento entre os pais que eles não tinham experimentado um com o outro da mesma forma antes. O nascimento do bebê deles pode despertar em cada um não só sentimentos protetores, afetuosos, profundamente amorosos, mas também sentimentos bastante infantis e dependentes, de modo que a assimetria aparente entre o adulto

fisicamente forte e o bebê fraco e desamparado não será a única, ou mesmo a mais importante das diferenças formativas” (p. 29).

Mais adiante, a autora sustenta:

“Os sentimentos do bebê podem fazer a mãe se sentir competitiva. Ou o pai pode estar passando por suas próprias lutas e mudanças bastante específicas: ansiedades primitivas, por exemplo, com frequência são re-evocadas pela exclusão, sentida ou verdadeira, do que se tornou o casal principal, mãe e bebê. (A alta incidência de relações extraconjugais nessa fase pode não ser simplesmente uma função da não-disponibilidade sexual)” (p. 30).

Camila nos diz que Eduardo é um homem com quase 30 anos de idade que ainda joga vídeo game. Acreditamos que ele não conseguiu entender a situação de uma mulher muito jovem e com duas filhas pequenas que demandam muita atenção. Mas ela ainda o ama, e ele diz que ainda a ama, mesmo vivendo com outra.

Ela fala que ainda gosta um pouquinho dele, e não consegue enxergar a parcela de culpa dele, “a culpa era minha”. Berenstein e Puget (1993) falam sobre o mal-entendido no casal e suas diversas modalidades de explicação. Para Camila tudo tem uma causa, e a causa sempre está nela:

“Nos relatos dos pacientes a respeito dos conflitos matrimoniais ou familiares, é freqüente atribuir a si mesmo o conhecimento das causas do mal-estar ou da conduta do outro. Costumam se situar no epicentro onde reina a onipotência do desejo. Nesses casos, podemos vê-los, alternativamente, no lugar de assistente e no de desamparado. Dessa maneira, assentam as bases de um mal-entendido, ao não reconhecerem no outro uma causalidade diferente e não seguirem os passos da explicação causal dedutiva” (p. 77).

Depois que ele saiu de casa, já voltou quatro vezes. Qualquer briga, ele vai embora de novo. Fica nesse eterno vai e volta, e ele quer voltar de novo. Se ele a “coloca na Justiça”, segundo Camila, a culpa é de Carolina. Ela sente que ele não quer fazer isso, e a responsabilidade não é dele. É da outra. Ela, talvez por amá-lo, defende-o de tudo e de

todos, justifica todas as suas atitudes. Ela diz que ele é meio perturbado, mas que gosta desse jeito “perturbadinho” dele.

## 5. Conclusões

*Mirem-se no exemplo  
Daquelas mulheres de Atenas  
Vivem pros seus maridos  
Orgulho e raça de Atenas*

(Mulheres de Atenas – Chico Buarque e Augusto Boal)

Após a análise destas quatro entrevistas, cabe-nos agora recolher os aspectos levantados no sentido de nos aproximarmos dos sentidos que estas mulheres dão para sua separação.

Apesar de todas as conquistas do movimento feminista a partir de meados do século passado, muitas mulheres ainda hoje dão evidências de submeter-se a uma organização patriarcal da família. Dentre as nossas entrevistadas, o exemplo típico está na história de Joana, que abandonou o trabalho e sufocou sua vontade de estudar para agradar ao marido e cuidar da casa. E todas as mulheres ouvidas possuem características daquelas *Mulheres de Atenas*. Elas se mostraram “batalhadoras”, “guerreiras”, “faziam tudo pela família”. Contudo, seus maridos não são motivo de orgulho para elas, que articulam críticas sistemáticas em relação a eles. No discurso delas, todos foram apresentados como homens voltados para si, mais preocupados com o seu conforto do que com a família. Isto é visto por elas como uma fraqueza deles: elas, as fortes, eles, os fracos.

A partir desta constatação, presente nas quatro entrevistas, construímos a hipótese de que essas mulheres fazem uso do mecanismo psíquico de identificação projetiva, tal como descrito por Melanie Klein (1946), através do qual projetam no companheiro seus

aspectos mais fracos e dependentes, cultuando de si a imagem de fortes. Se for assim, essas mulheres talvez tenham precisado, do ponto de vista psíquico, desses homens. Mas se ficaram casadas a partir dessa necessidade, o que levou à separação? Ao que tudo indica, a situação, ao longo dos anos, foi se tornando insustentável para elas. O ressentimento mútuo provoca brigas que se tornam cada vez mais frequentes, o casal já não se reconhece mais e a mulher toma a iniciativa de se separar.

De acordo com Pincus e Dare (1981), nos relacionamentos duradouros há geralmente uma complementariedade de necessidades, anseios e medos. Em nossos casos, a mulher forte parece precisar do homem fraco. Nos termos destes autores, há um “contrato secreto do casamento”. Esse contrato não é verbalizado e é, em grande parte, inconsciente. Tal como as razões que levam alguém a se apaixonar por outra pessoa, bem como os motivos para se separar. Com isso, não podemos apontar, a partir das entrevistas realizadas, as causas da separação dessas mulheres. Podemos apenas dar-lhes voz, e ouvir o que têm a dizer sobre isto.

Para todas, o processo de separação parece ter sido muito doloroso. Uma em especial, Norma, demonstrou muita raiva do ex-marido, raiva que se transformou em rancor. O sentimento de raiva está muito ligado à tristeza, à frustração, e esta parece ter sido a forma que ela encontrou de exteriorizar a sua dor.

Outro fator que, segundo as entrevistadas, influenciou nos destinos da vida do casal, foi a chegada dos filhos. Estes passaram a ser prioridade na vida destas mulheres, que muitas vezes acabaram, segundo elas mesmas, “esquecendo”-se do marido. O bebê exige muita atenção da mãe, e é comum que ela inclusive pare de trabalhar para cuidar do seu filho. É claro que a lei assegura a licença maternidade, podendo esta chegar a até seis meses. Mas, será que seis meses são suficientes? Por anos a criança precisará de um adulto,

ou de um irmão mais velho, para tomar conta dela. Muitas mulheres, quando possível, optam por abandonar a vida profissional para criar os filhos. E, como vimos em alguns dos relatos, muitas vezes elas também abandonam a vida de casal. Perdem a vaidade e passam a precisar muito mais de um companheiro que as apoie e entenda do que de um homem que elas sentem que compete com os filhos.

Algumas das nossas entrevistadas também encontraram dificuldades devido a um relacionamento anterior do marido. Deparamo-nos com um caso, o de Joana, em que as filhas do primeiro casamento dele, segundo ela, fizeram de tudo para atrapalhar o relacionamento do pai. Esse relacionamento parece só ter durado algum tempo - nove anos – pela atitude submissa de Joana.

As pessoas, pelo menos essas mulheres, ainda se casam para sempre. E essa ideia faz com que muita coisa seja suportável. Brigas, desrespeito, traição. As mulheres, segundo elas mesmas, parecem se esforçar mais para que o casamento dê certo, cuidam dos filhos, filhos que às vezes nem são seus, trabalham dentro e fora de casa; em resumo, elas parecem sacrificar-se mais.

De acordo com Freud (1924), uma das formas de apresentação do masoquismo está na própria natureza feminina. O masoquismo feminino baseia-se inteiramente no masoquismo primário, erógeno, do prazer no sofrimento. Daí uma possível explicação para a disposição das mulheres em se sacrificarem mais. Assim elas também podem ser vistas como heroínas.

E, embora elas se mostrem como heroínas, elas também necessitam de proteção. Essa foi uma queixa comum, elas queriam que seu homem as protegesse. Mas ao se mostrarem como “pau pra toda obra”, elas parecem passar a mensagem de não precisarem



de proteção. Elas se mostram fortes, e uma pessoa forte serve para proteger, não para ser protegida.

Outra queixa comum foi a da desvalorização. Segundo elas, elas continuariam fazendo todo o sacrifício se o companheiro as valorizasse, se eles reconhecessem tudo o que elas faziam. De acordo com elas, eles estavam muito preocupados consigo mesmos para enxergarem a “super mulher” que estava ao seu lado. Enquanto elas faziam tudo, eles estavam confortáveis, então estava tudo bem.

Será que estava tudo bem mesmo? Para responder essa e outras perguntas, pretendemos continuar com essa pesquisa, agora entrevistando homens. Como será que eles vivenciam a separação? Além de saber o outro lado da história, pretendemos fazer uma comparação dos discursos tomando como referência questões de gênero.

O fenômeno estudado em nossa pesquisa – a separação de casais – requer uma visão interdisciplinar que, com certeza, não se limita à Psicologia ou ao Direito, devendo também dialogar com outras áreas das Ciências Humanas. Neste trabalho, procuramos trazer algumas contribuições que os estudos de Psicanálise de Casal permitem fazer, ao adentrar aspectos da dinâmica intersíquica do casal que podem levar ao seu rompimento. Consideramos que estes aspectos devem dialogar com os achados de outros autores, quando levantam aspectos sociais, culturais e econômicos que podem levar à dissolução do casamento. A separação é, neste sentido, um fenômeno multifatorial.

Um outro aspecto importante é que, por se tratar a separação do casal de uma questão que gera sofrimento a todos os envolvidos, o seu estudo durante a formação em Psicologia também é de suma importância para auxiliar o futuro profissional, quando se depara com pessoas nessa situação. A oportunidade de contato do estudante de Psicologia com a área jurídica (bem como com outras áreas do conhecimento) e com um serviço de

utilidade pública, como o prestado pelo Departamento Jurídico XI de Agosto, é fundamental para o seu crescimento pessoal e profissional.

## REFERÊNCIAS

A Bíblia – Tradução Ecumênica (1995). São Paulo: Edições Loyola e Paulinas.

Buarque, C. e Boal, A. Mulheres de Atenas. Recuperado em 27 de agosto de 2010: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45150/>

Bucher, J. S. N. F. (1996). Vínculo conjugal: da união à separação e o controle mútuo do destino. In T. F. Carneiro, *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal. Coletâneas da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia)*, 1, 1, 59-70.

Carneiro, T. F. (1998) Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11, 2.

Carneiro, T. F. (2003) Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8, 3, pp. 367-374.

Caruso, I. (1989) *A separação dos amantes*. São Paulo: Diadorim Cortez.

Farkas, M. (2003) O luto de uma separação. In G. C. Groeninga e R. C. Pereira (coord.) *Direito de família e psicanálise – rumo a uma nova epistemologia* (pp. 365-370). Rio de Janeiro: Imago.

Folha De São Paulo. Caderno Especial: 30 anos da Lei do Divórcio. Edição de 24 de julho de 2007.

- Freud, S. (1924). *O problema econômico do masoquismo*. In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- González Rey, F. L. (2011). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.
- IBGE (2006). *Anuário Estatístico Brasileiro*.
- IBGE (2007). *Anuário Estatístico Brasileiro*.
- Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: Klein, M. (2006). *Inveja e gratidão e outros trabalhos* (pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago.
- Lago, M. e Alves, A. Ai que saudades da Amélia. Recuperado em 27 de agosto de 2010: <http://letras.terra.com.br/mario-lago/377002/>
- Magalhães Filho, J. R. (s. d.) Mulher protestante: mulher, mãe e trabalhadora. Recuperado em 08 de agosto de 2009: [http://www.jrmf.pro.br/mulher\\_protestante.pdf](http://www.jrmf.pro.br/mulher_protestante.pdf).
- Mandelbaum, B. (2008). *Psicanálise da família*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moraes, C. G. A. (1989) Separação conjugal: um estudo das possíveis causas e alguns efeitos sobre um grupo de casais e filhos. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia da USP, 236p.
- Moraes, V. (1949). Soneto da Fidelidade. In: *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: A noite.
- Neri, M. (2005, junho). Sexo, casamento e solidão. *Conjuntura Econômica*, 66-70.
- Pincus, L. e Dare, C. (1981). O contrato secreto do casamento. In L. Pincus e C. Dare, *Psicodinâmica da família* (pp. 34-48). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Porreca, W. (2004). Famílias recompostas: casais católicos em segunda união. Tese de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, 135p.

Prado, M. C. C. A. (1996, setembro). Uma introdução aos quiproquós conjugais. In T. F. Carneiro, *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal. Coletâneas da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia)*, 1, 1, 17-24.

Puget, J. e Berenstein, I. (1993). *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Waddell, M. (1994). A família e sua dinâmica. In S. Box et al. (org). *Psicoterapia com famílias: uma abordagem Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.